

## O ATAQUE À EDUCAÇÃO PÚBLICA E À DEMOCRACIA PELAS CONTRARREFORMAS E O FUNDAMENTALISMO

*AULA MAGNA PROFERIDA NO CURSO DE PEDAGOGIA - NITERÓI, DA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE,  
EM AGOSTO DE 2019<sup>1</sup>.*

*Gaudêncio Frigotto<sup>2</sup>*

### RESUMO

O texto nasce de uma palestra proferida pelo autor na Aula Magna do Curso de Pedagogia - Niterói, da Universidade Federal Fluminense, em agosto de 2019 e discute os ataques que a educação pública e a democracia vêm sofrendo nos tempos hodiernos. Apresenta pressupostos sobre os espaços de atuação na sociedade e as ferramentas da universidade e seu papel na produção de conhecimento para transformação da realidade. Levanta um percurso histórico problematizando de onde viemos, o que nos define estruturalmente como sociedade. Culmina nos aspectos contemporâneos do contexto brasileiro, apontando uma discussão sobre o golpe de Estado de 2016, as contrarreformas e o fundamentalismo de extrema direita que desponta no país. Provoca o pensar sobre qual deve ser a luta da educação no processo de formação dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Educação pública. Universidade. Contrarreformas. Fundamentalismo.

### ABSTRACT

The text is born from a lecture given by the author in the Aula Magna of the Pedagogy Course - Niterói, Fluminense Federal University, in August 2019 and discusses the attacks that public education and democracy have been suffering in modern times. It presents assumptions about the spaces of action in society and the tools of the university and their role in the production of knowledge for reality transformation. It raises a historical course questioning where we came from, which defines us structurally as a society. It culminates in contemporary aspects of the Brazilian context, pointing to a discussion about the 2016 coup d'état, the counter-reforms and the extreme right fundamentalism that is emerging in the country. It provokes thinking about what should be the struggle of education in the process of formation of subjects.

**Keywords:** Public Education. University. Counterreforms. Fundamentalism

---

<sup>1</sup> O presente texto foi transcrito a partir da gravação da palestra e, como tal, tem uma estrutura de oralidade. As citações de autores não são literais, mas sempre que possível referidas em nota de rodapé.

<sup>2</sup> Professor titular em Economia Política da Educação na UFF (aposentado). Atualmente, professor associado no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Saúdo a cada uma e a cada um dos presentes. Agradeço às colegas coordenadoras do Curso de Pedagogia por este honroso convite. Certamente, o título de aula magna é uma generosa deferência. Fico feliz em voltar à Universidade Federal Fluminense e à Faculdade de Educação, onde atuei como professor e pesquisador por mais de vinte anos. Agora, faz doze anos que trabalho na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e, como na UFF, atuo no curso de pedagogia, com o 5º período, no turno da noite. E essa não é uma escolha fortuita. Ela se dá porque eu recebi muito dos meus professores quando cursei minha graduação à noite e onde tudo é mais difícil. Então, essa opção não é uma benevolência. É, de certa forma, uma opção ético-política.

E é muito oportuno estar aqui no momento em que todos de minha geração e da geração que me educou - e que se pautam por uma visão crítica de nossa história - jamais poderiam imaginar o retrocesso que vivemos. Jamais imaginaríamos que chegaríamos em 2019 com o atual cenário político, social e humano em nosso país. Eu vivenciei meu processo de educação formal - do ensino médio à pós-graduação (mestrado e doutorado) - e parte de minha vida profissional sob uma ditadura. “Um dia que durou 21 anos”, como diz o documentário de Danilo Tavares<sup>3</sup>. Vale a pena debater esse documentário. Quem não assistiu, obrigatoriamente como cidadão, deveria assisti-lo.

Mas, ditadura é falta de hegemonia. A ditadura não é posta pelo voto. Ela se faz pela dupla violência: das armas e da Lei. E, portanto, ditadura é arbítrio.

Entretanto, a ditadura se foi, mesmo que tenha deixado um rastro de mortes, tortura e de um país mais desigual, o momento que vivemos é mais perigoso porque eu entendo que estamos vivendo uma ditadura híbrida<sup>4</sup>, mas com apoio de voto. Ditadura é sinônimo de falta de hegemonia. Agora vivenciamos uma combinação de dominação de um novo tipo, pela manipulação das redes sociais e grande mídia empresarial e a busca de criar consensos em torno de temas morais de diferentes ordens. Em nossa história, sempre se recorreu ao fantasma do socialismo, da moral familiar, da corrupção etc.

---

<sup>3</sup> Ficha técnica: Título: O Dia que Durou 21 Anos. Direção: Camilo Tavares. Origem: Brasil. Ano de produção: 2012. Gênero: documentário. Duração: 77 min. Classificação: 14 anos.

<sup>4</sup> Faça aqui uma analogia ao livro de Andrew Korybko. Guerras híbridas. Das revoluções coloridas, aos golpes (São Paulo, Boitempo, 2018). Embora o autor discuta a estratégia dos Estados Unidos para desestabilizar países não alinhados, no caso do livro, Síria e Ucrânia, sua análise se aplica ao que vêm ocorrendo como a Venezuela e o golpe de Estado de 2016 no Brasil. Guerras híbridas porque elas não seguem a guerra convencional, mas utilizam-se de mecanismos midiáticos para mobilizar massas, a partir de um determinado para desestabilizar e inviabilizar governos não alinhados aos EUA, concomitantemente, em alguns casos, bloqueio econômico e infiltração de forças militares.

Este é, pois, um momento muito importante de estarmos juntos, acadêmicos, colegas professores e trabalhadoras da educação. Não se apeguem ao currículo que vocês ouviram<sup>5</sup>. São 50 anos de estudo, pesquisa e de aprendizado no trabalho com colegas. Para o que vou expor a seguir, o que é mais importante para mim é o título que recebi de Amigo da Terra, da Escola Nacional Florestan Fernandes por indicação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Vejam vocês que nós vivemos num país que pode ser considerado como um continente, em termos de área, e temos o maior movimento social da América Latina, protagonizado pelo MST. Acabo de voltar de uma universidade pública chamada Fronteira Sul, que tem um campus em Laranjeiras do Sul, dentro de um assentamento conquistado pelo MST e outros movimentos sociais do campo. Lá, fiz uma conferência para duas licenciaturas: uma de pequenos agricultores e outra de índios Kaingangs e Guaranis. Isso foi conquista de luta pós-ditadura. Isto nos diz que, para sair deste momento no Brasil, temos que estudar e debater, mas fazê-lo como meio de, pela organização e pela luta coletiva, reverter o cenário que nos atormenta e ameaça como uma esfinge ou um ovo de serpente.

O tema para dialogarmos hoje é: “*O ataque à educação pública e à democracia pelas contrarreformas e o fundamentalismo*”. Como estou dando em uma conferência numa universidade, eu vou colocar alguns pressupostos. Em seguida, tratarei de onde viemos como sociedade, como democracia e como educação, onde nos encontramos e o que nos interpela - que horizonte nós podemos ter. Mostrar, na verdade - terceiro ponto - que as contrarreformas têm uma lógica interna profunda e correspondem a uma demanda da crise do próprio sistema capitalista que só pode perdurar tirando direitos já conquistados pela violência e pela imposição do medo.

Trata-se de contrarreformas tão profundas que a sociedade não pode aceitá-las e já temos sinais que indicam que diferentes forças se movem, mas não suficientemente! De longe serem suficientes! E, por isso, nas considerações finais gostaria de trazer para nossa reflexão: o que nos interpela? E o que nos cobra esse momento para renascer das cinzas, valendo-me de uma imagem do historiador Erick Hobsbawm (1992). Este percurso o farei de forma bastante esquemática e que tem o sentido de um roteiro de estudo, uma espécie de primeira aula de um programa de um curso.

---

<sup>5</sup> Aqui me refiro à leitura do resumo do meu currículo, feito no momento de abertura da Aula Magna, no momento em que foi realizada a minha apresentação aos professores e estudantes presentes.

## Os pressupostos

Por que começar com pressupostos? Por que se trata de referências das quais partimos e que servem para esclarecer aos interlocutores sob que perspectiva analisamos a realidade social, política, econômica e cultural. Sempre que faço um debate com acadêmicos ou com colegas na universidade, reitero alguns pressupostos que colho de mestres que me ajudaram olhar o mundo em sentido oposto ao que a classe dominante e seus intelectuais querem que o vejamos para nos subjugar.

O primeiro, eu colho do grande intelectual Antônio Candido, quando nos lembra que cada um, em seu espaço de atuação na sociedade, tem que lidar com ferramentas específicas e a ferramenta de quem atua e estuda na Universidade é o esforço de pôr ordem nas ideias.

Muito jovem, como campesino, filho de pequenos agricultores... Eu plantei e colhi feijão, milho, soja também. Ali, as ferramentas são predominantemente braçais. Mas, depois entrei nessa estrada que é estudar, analisar e fazer pesquisa. Uma tarefa nada simples, pois pôr ordem nas ideias significa disputar o sentido do rumo da história humana. Todavia, esse pressuposto se completa com o que, ainda muito jovens, Marx e Engels (2003) indicam num livro denominado de “A sagrada família”. Porém, eles sublinham que nenhuma ideia, por si e em si, muda o mundo porque a mudança é feita na ação prática por homens e mulheres, nas pequenas e grandes tarefas e lutas.

O segundo, o retiro de Florestan Fernandes, o grande lutador pela democracia no Brasil e batalhador pela escola pública. Ele destaca que o intelectual não cria a realidade em que vai estudar e pesquisar, mas faz muito quando a analisa com profundidade para poder transformá-la. A universidade tem esse papel de buscar entender o curso da história sob a dominação de classe e, no caso brasileiro de uma classe antinação, antipovo e antiescola pública, para poder mudá-lo. E sublinha: a tarefa do intelectual militante não é de lutar para o povo, mas de estar junto a ele para que ele adquira o conhecimento para fazer a revolução necessária (FERNANDES, 1980).

Do pressuposto acima, deriva o que Francisco de Oliveira (2015) postula ao tratar o papel da universidade na produção do conhecimento que nos ajuda a alterar uma sociedade que quer tornar a todos consumidores passivos. A universidade, diz ele, é o

espaço do dissenso qualificado para buscar consensos possíveis. Nada mais atual quando nos diz que a disputa pelos sentidos da sociedade se encontra novamente numa situação de ebulição.

Nesta disputa, nenhuma teoria se soma, pois elas expressam formas de perceber como a realidade humana, biológica, física se produz. Quem define quem está com a razão é a história. Já se mandou gente à fogueira porque o conhecimento permitiu romper com uma crença metafísica de que o sol girava em torno da terra, e não ao contrário. Agora querem novamente, aqui no Brasil, submeter a ciência à crença. Voltam à Idade Média e querem impor a ideia de que a terra é plana. Quem sabe, vão também difundir que vivemos sob um sistema planetário geocêntrico e não heliocêntrico, como a ciência nos ensina.

Este pressuposto incide sobre um tempo em que se constroem falsas verdades ou mentiras e que, no contexto das manifestações de rua para construir o golpe de Estado de 2016 e no governo que assumiu o poder em 2019, assume dimensões de insanidade. De forma cínica, fala-se em pós verdade. O que é a pós verdade? É essa idiotice de que "a verdade é aquilo que eu estou convicto que seja". E uma das expressões mais paradoxais disto é a do atual Presidente da república, quando afirma: "Os dados do INPE<sup>6</sup> não estão certos. Eu estou convencido de que é isto. As queimadas são uma invenção das ONGs para prejudicar o Brasil."

Retrocedemos ao início da constituição da ciência moderna e da universidade do agnosticismo, para o qual a realidade é tão complexa que é inútil tentar compreendê-la, ou do relativismo absoluto, para o qual a verdade é o que é para cada um. Mas, o que se denomina pós verdade é pior, pois é a construção de mentiras para favorecer determinados grupos na disputa por poder. O clima que se está construindo no Brasil é de anticiência. Houve uma pesquisa que demonstrou que um terço da população brasileira não acredita na ciência. Não acreditam naquilo que vocês estão pesquisando para os trabalhos de final de curso, as monografias, as dissertações, as teses, as pesquisas dos colegas etc.

Por fim, o terceiro pressuposto é de que uma adequada análise do tempo presente não é fácil. Porque não há nada do presente que não tenha elos com o passado estrutural

---

<sup>6</sup> INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais.

na sociedade. Portanto, uma análise do tempo presente implica uma adequada relação entre o estrutural e como se move esse estrutural agora, progressiva ou regressivamente. Neste ponto é fundamental seguir a diretriz indicada por Karel Kosik (1986) sobre a necessidade de verificarmos aquelas mudanças que ocorrem para conservar uma ordem desigual como a nossa, daquelas que, mesmo dentro da ordem capitalista, são reformas contra a ordem capitalista.

Então, devemos ter um olhar crítico sobre o movimento que vivemos no Brasil sobre políticas ultraconservadoras que afetam a vida e direitos elementares da grande maioria. E, mais que nunca, a universidade tem um papel fundamental a desempenhar na tentativa de pôr ordem nas ideias.

### **De onde viemos ou o que nos define estruturalmente como sociedade**

Vejam vocês que fomos colônia por 322 anos. O que é ser colono? Colono é aquele que trabalha a terra do outro. Colonizado é aquele que pensa com a ideia do outro, que cultiva os deuses do outro. Até a Constituição de 1988, os indígenas neste país eram considerados não cidadãos e, do ponto de vista de muitas igrejas, ímpios e sem alma, porque não eram batizados de acordo com o credo dessas igrejas. Eu mesmo convivi no Sul, perto de toldos de Guaranis e eles eram proibidos de sair do toldo, que é como se chamava a comunidade, a terra onde viviam. E se morresse um índio, não podia ser enterrado no cemitério dos cristãos. E olhem aí: isso foi ontem!

O Estado da Bahia, depois da África, é o estado onde se encontra proporcionalmente o maior número de negros no mundo. No entanto, os deuses, as religiões afro sempre foram condenados e agora se volta a condenar e atacar centros de umbanda. Então, nós temos uma matriz colonizadora, um DNA colonizador da classe dominante. Porém, mais do que isso: durante 388 anos convivemos com o regime escravocrata. E o escravo era visto como um meio de produção e não um ser humano. O número de escravos era tomado como capital dos seus donos, que davam garantia para empréstimos a banco, como hoje se dá a propriedade de boi, de terras etc. O escravo era concebido como um animal que falava. Uma escravidão que não foi como a escravidão da Idade Média, da Idade Antiga. Uma escravidão em que o próprio tráfico de negros era forma de ganhar dinheiro. Essa marca não saiu da sociedade brasileira.

Quem tiver paciência e tempo, leia um livro de Juremir Machado da Silva: “*As Origens do Conservadorismo no Brasil*” (2018). Na página última, ele diz: 1888 ainda ronda e não se para de entulhar cadáveres”. O Rio de Janeiro, hoje, é expressão disto. Jovens morrem, ou de bala perdida ou, porque se diz ser suspeito, não se atira no joelho ou na perna, se atira com seis balas para matar, como ocorreu em recente fato no Rio de Janeiro e com elogios de governantes! Uma loja fez camiseta com o atirador de elite que matou um jovem com problemas psicológicos e que simulou um sequestro de ônibus. Estes são sinais muito poderosos de degradação social com traços neofascistas. Se a gente não se der conta disso, pode ser tarde, como diz a crônica “O Alarme”, de Luís Fernando Veríssimo, na qual lembra o que aconteceu com os judeus na Alemanha que não perceberam os sinais do nazismo e nos interpela se percebemos os sinais que apareceram nas ruas a partir de 2014 no Brasil. Sinais marcados pelo ódio e de eliminação do diferente, dos adversários, de quem luta por direitos ou que tem uma visão de mundo diferente. Portanto, esta é uma sociedade cuja classe dominante internalizou e plasmou um DNA colonizador e escravista.

Deste DNA deriva um projeto societário que autores como Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Nelson Werneck Sodré, Florestan Fernandes, Celso Furtado, Milton Santos, Otavio Ianni, Francisco de Oliveira e Carlos Nelson Coutinho nos ajudam a decifrar. Em síntese, por vertentes diferentes, estes intelectuais nos mostram que a classe dominante brasileira, diferente das que efetivaram a revolução burguesa e lograram construir nações autônomas e soberanas, nunca lutou para formar uma nação. Ao contrário, construíram uma sociedade de capitalismo dependente de desenvolvimento desigual e combinado. Isso significa que uma minoria se associa aos grupos poderosos do mundo para manter seus privilégios. Uma classe que opta pela cópia, pelo endividamento, e entrega o patrimônio comum ao capital estrangeiro. Para este projeto de sociedade não cabe defender uma escola pública de qualidade para todos e, por consequência, desenvolver ciência e tecnologia.

Francisco de Oliveira (2003) define a natureza da sociedade construída pela classe dominante brasileira com a metáfora do ornitórrinco. Ornitórrinco é um pássaro e peixe ao mesmo tempo e, portanto, se constitui numa impossibilidade genética porque não se desenvolve nem como pássaro e nem como peixe. Trata-se de uma sociedade cujas relações sociais produzem a miséria e se alimenta dela como forma de enriquecer. Aí está

o conceito de desenvolvimento desigual e combinado: concentração de riqueza e concentração de miséria. Houve luta? Sempre houve luta, mas não o suficiente para fazer rupturas reais.

Resulta daí que aquilo que Darci Ribeiro dizia há vinte anos atrás: “se a gente não investir em mais educação daqui a 20 anos vamos precisar construir cadeias”. Para ele não era um descuido da burguesia brasileira não investir em escola pública de qualidade. Mas sempre foi seu projeto. E vejam que o governador do Rio de Janeiro, empossado em janeiro de 2019, apresentou como uma de suas promessas construir 40 novas cadeias para crianças entre doze a dezessete anos. Não vi falar que vão construir escolas.

Na mesma direção, o governo federal estimula os estados e dá apoio para a criação de escolas militares e para aparelhar as escolas com segurança policial. É nesse horizonte que pensam! Pensam não em escolas, não em empregos, mas pensam em estratégias de conter a violência sem analisar o que a produz. E condenam aqueles que buscam mostrar o caráter social da violência.

Tornou-se uma espécie de fetiche falar-se em marxismo cultural para, genericamente, condenar aqueles pesquisadores que, com base em pesquisas de autores clássicos e contemporâneos, buscam desvelar as determinações sócio-econômicas, políticas e culturais da violência ou desigualdade social e educacional. Dois deles são os prediletos pelo núcleo ideológico fundamentalista que dirige a nação a partir de 2019: Karl Marx e Paulo Freire – este, homenageado aqui na UFF, dando nome a um dos auditórios da Faculdade de Educação.

Nenhum autor é perfeito, mas há autores que têm contribuído para a história da humanidade de forma mais incisiva e dentro de temas e perspectivas científicas e ideológicas diversas. Freud, na psicanálise, Adam Smith legando as bases do pensamento econômico liberal, Darwin criando a teoria da evolução das espécies e, Marx e Engels legando-nos uma concepção e um método histórico de analisar a sociedade. A questão que este método nos coloca não é o que é o ser humano, o que é a violência, mas em que condições reais se produz o ser humano e que condições reais produz a violência, a miséria, a desigualdade. Por que Freire, Marx e Engels têm que ser criminalizados? E o são por quê? Porque revelam o que se busca esconder.

No livro “A Sagrada Família” (MARX; ENGELS, 2003), no qual discutem a questão judaica e o sentido de emancipação religiosa, política e humana, explicitam uma linha de análise que nos ajudam a enfrentar as questões acima de modo oposto ao pensamento dominante. Em certo momento do livro, eles sinalizam que já que somos seres sociais e nos formamos socialmente, é fundamental formar humanamente as circunstâncias. E, logo em seguida, nos indicam que se as pessoas não podem se produzir materialmente – isto é, comer, beber, ter um teto, vestir e locomover-se – elas não são de fato livres. Qual é a liberdade de quem sequer consegue ter para comer, para vestir? E se não é livre, neste sentido social, nenhum crime poderia ser julgado individualmente, mas sim socialmente.

Certamente, isto soa uma heresia para quem tem a ideologia de que a segurança é sinônimo de oprimir e, no limite, abater, matar. E que, portanto, violência nada tem a ver com desigualdade, desemprego, perda de direitos elementares como os da saúde, educação e cultura. O que nós, que nos preparamos para sermos educadores, vamos fazer da escola pública e da universidade, se vivemos numa sociedade em que a maior parte das pessoas não tem propriedade como valor de uso e nem emprego? No momento em que nós estamos aqui, analisando a sociedade brasileira e, dentro dela, os problemas na educação, saúde e cultura, doze milhões de pessoas estão desempregadas e mais dezoito milhões vivem de trabalho informal precário. Isto, dentro de um contexto em que o que menos conta no processo de produção atualmente é o trabalho humano direto, como já sinalizava no fim da década de 1990 o historiador Eric Hobsbawm (1999). E isto ocorre porque o capital se apropriou privadamente da ciência e tecnologia - um bem da humanidade - para aumentar a exploração dos que ainda têm emprego e produzir cada vez mais trabalho precário ou desemprego.

Como indiquei acima, sempre houve luta! Mas uma constante em nossa história é que a cada pequeno avanço alcançado, em seguida, se deflagra uma ditadura ou um golpe. Assim, no início da década de 1910, imigrantes autonomistas e socialistas ajudaram a organizar greves e lutas por direitos. Na década de 1920, tivemos amplo movimento no âmbito da arte e da cultura, cujo marco é a Semana da Arte Moderna. Em seguida, década de 1930, a luta pela ampliação da escola pública efetivada pelos que foram conhecidos como Pioneiros da educação (Pascoal Leme, Lourenço Filho, Anísio

Teixeira). Lutas que se inscreviam num processo de ruptura com o estigma colonizador e escravista.

Todo este movimento foi interrompido, em grande parte, pela ditadura implantada por Getúlio Vargas no final da década de 1930. Embora tenha sido uma ditadura de natureza nacionalista e se tenha aprovado a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), sua marca foi de um arranjo das frações da classe dominante do campo e da cidade.

O momento mais fecundo de nosso processo histórico, e que continua na agenda das lutas da classe trabalhadora até hoje, se efetivou após o fim da Ditadura Vargas, em 1945, até o golpe empresarial militar de Março de 1964. Com efeito, foi um período de luta pelas reformas estruturais, reformas de base – reforma agrária, política, jurídica, tributária. O teatro e a música popular floresceram neste período, assim como o cinema novo. A luta pela erradicação do analfabetismo se plasmou sob o lema: “De pé no chão também se aprender a ler”. A síntese das lutas pela erradicação do analfabetismo é o livro *"A pedagogia do oprimido"*, de Paulo Freire (1968). Ele é, em verdade, a síntese de um tempo. Hoje, traduzido em três dezenas de idiomas. Cabe aqui a pergunta: porque o governo Bolsonaro e seu núcleo ideológico querem apagar a memória de Paulo Freire? É justamente pelo que sinaliza de uma visão de mundo, de ser humano e de educação antagônica aos atuais governantes.

Então, o que marca esse período são as reformas estruturais de base. Florestan Fernandes as define como reformas dentro da ordem capitalista contra esta ordem. No mínimo, construir um capitalismo regulado. A reforma agrária nunca foi sinônima de comunismo, mas aqui sempre foi barrada usando-se a ideia de que isso seria o início do comunismo. Ao contrário, a reforma agrária busca dar propriedade à terra racionalmente, de forma planejada, como a fizeram há mais de um século a Áustria, a Alemanha, a Itália etc. No entanto, aqui, essa raça de classe dominante diz que "isso é coisa de comunistas que são contra Deus e a família". Se alguém pensa isso é porque está sendo colonizado.

Então, nós tivemos um período de 1946 a 1964 extraordinário, mas as mudanças que tal fase anunciava foram insuportáveis para a classe dominante brasileira. Este processo foi interrompido pela Ditadura, que durou vinte e um anos. Foi ao longo deste período que houve reformas da pré-escola à pós-graduação, tendo como orientação a ideologia do capital humano. Ideologia que representa uma regressão do pensamento que

orientou a revolução burguesa, do século XVIII. A burguesia revolucionária vai dizer: a escola é pública, universal, gratuita e laica. Não pode prometer uma escola igual porque é uma sociedade de classes. O capitalismo tem sempre uma escola dual, uma para quem vai dirigir e outra para quem vai trabalhar.

Mas, a ditadura, por contradições e por luta, acabou e nós tivemos outro período extremamente auspicioso, que foi das conferências brasileiras da educação, da constituinte, da constituição que reconheceu direitos sociais e subjetivos. O ser surdo e ter direito à educação; o direito de ser de uma comunidade indígena ou quilombola e ter respeitada sua língua, seus valores e costumes e a escola pública ter de dar conta disto.

A estratégia de negar o que a constituição 1988 determina se efetiva por aquilo que o Jurista Fábio Konder Comparato define como as duas constituições. Para este jurista, desde a Constituição do Império até a de 1988, sempre se incorporou demandas de direitos da classe trabalhadora. Isto, na constituição proclamada como oficial. Mas, tem uma segunda constituição subliminar, que é a real para a classe dominante que manipula e não pratica aquilo que está posto na oficial. Dois exemplos da Constituição de 1988: o marco regulatório da mídia – fundamental! Por que fundamental? Porque a mídia privada é um partido poderoso de fazer cabeças, de demonizar uns e proteger a outros, de dizer "que o problema no Brasil é a corrupção e a Lava Jato é a salvação". Não que não se deva combater a corrupção! Mas e a corrupção da evasão fiscal, perdão de dívidas, da sonegação do absurdo da dívida pública? Para os grupos da mídia privada, regular é sinônimo de censurar. Com isto, manipulam a opinião pública. O segundo exemplo é de taxar as grandes fortunas. Nada se moveu nesta direção.

Mas, o que aconteceu com a Constituição em sentido mais amplo? Foi sendo negada pelas políticas neoliberais da década de 1990. Logo em seguida, veio uma reforma na constituição. O golpe de 2016, que liquidou com a educação pública e direitos trabalhistas, começou na década de 1990. Na educação, iniciou-se o ataque ao pensamento crítico. O discurso é que se ensinava teoria demais, sociologia, história em excesso e que o professor tinha que ensinar as regras do bem ensinar.

E por que não conseguiram fazer a contrarreforma completa na educação, a despeito de terem abortado a LDB, o Plano Nacional de Educação? Porque havia sociedade organizada. E isso é um indicador de que nós estamos menos organizados hoje do que na década de 1990 e num tempo mais perverso. Resistimos. Os Congressos

Nacionais de Educação (CONEDS) reuniam mais de 5 mil pessoas. No Fórum Mundial de Educação, em Porto Alegre, reuniram-se 15 mil pessoas para debater a sociedade brasileira e a educação. Uma retomada densa das lutas por uma sociedade democrática, por outro mundo possível.

Foi dentro deste processo que a maioria da sociedade brasileira elegeu um presidente operário, nordestino e sem um dedo numa das mãos. Isto não foi pouco. Com todos os erros que se possa ter cometido e sem nenhuma reforma estrutural, os acertos nas políticas públicas são inequívocos e se alguém pensar o contrário é porque não é honesto intelectualmente. Nunca fui do Partido dos Trabalhadores, mas imaginar que a criação de 18 universidades públicas e mais de 500 campi de Institutos Federais de Educação, Ciência e tecnologia (IFs), com forte interiorização, seja algo desprezível é má fé. Com efeito, os IFs se constituem na maior política de interiorização do ensino médio de qualidade.

Por que o golpe, se tudo estava igual? “Governo do FHC e Lula: tudo igual”. Quem afirma isso não é fiel à realidade. Não fez pesquisa. Isso não elide a crítica que deve ser feita. Na minha análise, o golpe de 2016 foi contra o que de bom se fez neste período. A sociedade fez com o governo. A luta dos trabalhadores do campo resultou no PRONERA<sup>7</sup>. Com universidades dando os cursos para a educação do campo e não para o campo e nem no campo. "Do campo" significa que lá existem sujeitos com culturas diferentes e conhecimentos que são o ponto de partida de qualquer processo educativo.

A síntese a que chego sobre o que precede ao golpe e ao momento dramático que a sociedade brasileira se encontra é a seguinte: o golpe e as contrarreformas que celeremente se concretizaram foram um ataque ao que de melhor se fez nos governos liderados pelo Partido dos Trabalhadores. A prisão do Lula e o impeachment devem-se aos erros políticos feitos por esses governos e pela esquerda no seu conjunto. E o erro fundamental foi não aprofundar a formação política e deslizar para a forma tradicional de campanha para se manter no poder.

A breve e esquemática exposição, até aqui, sinaliza um processo de permanentes rupturas por ditaduras e golpes para conter avanços e conquistas populares, mesmo que

---

<sup>7</sup> PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária.

elementares. Mas, agora, enfrentamos uma ruptura de natureza mais grave porque as forças que foram alçadas, pelo voto manipulado, ao poder da nação são de extrema direita.

### **O golpe, as contrarreformas e o fundamentalismo de extrema direita.**

Quem são os autores políticos e intelectuais do golpe de 2016? Onde está a gênese das contrarreformas do golpe e do governo Bolsonaro? Quem arquitetou as contrarreformas? Os intelectuais do golpe são políticos e economistas, prepostos do grande capital que, em sua maioria, participaram dos oito anos do governo Fernando Henrique Cardoso. Aécio Neves, candidato derrotado em 2014, convenceu políticos e intelectuais de seu partido e aliados a dar o golpe. O passo decisivo era o de convencer o vice-presidente de se constituir como elo traidor e barriga de aluguel deste golpe contra a, então, recém eleita Dilma Rousseff.

O trabalho sujo do governo Michel Temer seria e foi de fazer as contrarreformas que não foram feitas, devido às lutas de resistência organizadas nos anos de 1990. E o que resultou disto? O PSDB foi o partido que sofreu a maior derrota eleitoral e política, que acabou possibilitando a eleição de um governo de extrema direita. Tardamente, o ex-presidente do PSDB, Tasso Jereissati, reconheceu o triplo erro cometido por seu partido: de aceitar seguir o que Aécio Neves postulava sobre anular as eleições; em seguida, de não permitir que Dilma Rousseff governasse, prejudicando o país; e, por fim, ter participado do governo golpista.

O que é, em síntese, o conjunto de contrarreformas e o que elas significam para a classe trabalhadora, para a educação, saúde, cultura e, mais que isso, para as gerações de jovens presentes e futuras? A Emenda Constitucional 95, que congela por vinte anos qualquer investimento nos serviços públicos permitindo apenas a correção da inflação; a contrarreforma trabalhista, que anula a parca proteção que ainda existia em defesa dos direitos do trabalhador; a contrarreforma da previdência (completada pelo governo Bolsonaro); e a contrarreforma do ensino médio e, posteriormente, da universidade pública pelo "Future-se" significam acabar com a esfera pública e o trabalho público. Ou seja, anula-se tudo aquilo que tem que ver com direito universal: saúde, educação, cultura e trabalho digno. Nenhuma instituição privada, nem mesmo a igreja e as organizações não governamentais (ONGs) podem garantir direitos universais.

No campo da educação, a contrarreforma do ensino médio significou o fim do direito à educação básica garantido na Constituição de 1988 e uma interdição à cidadania política e econômica das gerações presentes e que virão. E as mudanças nas universidades públicas e Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) demarcam o fim da autonomia e um processo célere de desmonte total. Com isto, há o desmonte da ciência que se produz nas diferentes áreas de conhecimento. E qual a propaganda enganosa para os jovens em relação ao ensino médio? "Agora o jovem vai escolher!. Agora o jovem é protagonista!". Mas, é preciso perguntar: e quem educa a escolha? E qual a possibilidade de escolha de um ou mais entre os cinco itinerários formativos previstos na contrarreforma se, nos mais de 570 municípios, a maioria só tem uma escola de ensino médio? O que está se propondo é um ensino médio sem arte, sem cultura, sem filosofia, sem sociologia e, também, minimizando a geografia, a química, a biologia e a física. Com isto, liquidam-se essas licenciaturas.

O horizonte é de privatizar tudo e vender ao capital mundial tudo. O que se está propondo com carteira de trabalho *verde amarela* sintetiza o cinismo e a insanidade dos seus proponentes. O lema é: "ou o trabalho ou o direito". Isso não pode prosperar!

Por que não podemos resistir à lei que é injusta, se a estratégia da classe dominante brasileira é de burlar a própria Constituição? A Constituição de 1988 já não existe! Cada dia são aprovadas mudanças que a anulam. Sou da última geração que se aposentou e que terá o mesmo salário que teve quando fez o concurso. No atual governo, as contrarreformas e as mudanças em curso se orientam por três fundamentalismos. Estes traçam um presente e um futuro dramático se não houver forças sociais para revertê-los. Segundo, nós temos que combater três fundamentalismos que são: o núcleo da estupidez humana, da insensatez humana e da insanidade humana.

Trata-se do fundamentalismo econômico, para o qual tudo deve ser mercantilizado, privatizado. A ideologia da meritocracia deve regular a sociedade e não o direito à educação, ao trabalho, à cultura, à saúde etc. O fundamentalismo político, para o qual não há adversários, mas inimigos a liquidar. Um fundamentalismo marcado pelo ódio ao que pensa diferente, tem pele diferente ou é pobre. Um fundamentalismo, portanto, de natureza fascista. Por fim, o fundamentalismo religioso que nos faz retroceder à Idade Média, onde a crença se sobrepõe à ciência. A religião é do mundo privado e cada religião vale igual à outra. Se alguém for conviver com diferentes

comunidades indígenas verá que cada uma tem seus deuses, sua religião, suas crenças. Por que razão, então, se deveria pensar que o Deus deles não é bom e o nosso sim?

Estes três fundamentalismos se alimentam da estupidez, insensatez e insanidade humanas. Estas estão juntas nas teses do movimento "Escola sem partido", no combate ao que denominam de ideologia de gênero e de marxismo cultural. Juntas também estão quando se aposta no culto às armas e ao armamento para defender a propriedade privada.

A minha fala, certamente, é pessimista. Seria ingênuo se dissesse o contrário, os sinais de desestruturação da sociedade, anulação das conquistas democráticas e eliminação dos direitos universais são muito fortes. Mas, não quero passar a ideia de que isto será para sempre e de que não tem solução.

Para finalizar, o que nos interpela para que tenhamos futuro visível.

Um primeiro aspecto é de ter clareza de que ou construímos o futuro hoje ou o futuro não vai existir. O futuro se constrói no presente. É um processo que se constrói diuturnamente e que demanda clareza de direção do que queremos construir, vontade política para a ação e organização para qualificar nossas lutas. Lutas por direitos, mas não marcadas pelo ódio. O presente nos demanda junção de forças dispostas a restabelecer o Estado democrático de direito. E, se os jovens não entenderem isto agora e não se organizarem para ter futuro visível, este não acontecerá.

Quando o filósofo Leandro Konder voltou do exílio, um jornalista lhe perguntou como ele definia a direita brasileira. Sua resposta foi de que a direita brasileira tem uma convicção profunda, substancial e inabalável que os une, mesmo que internamente tenha lutas: a defesa dos interesses de classe. Poderíamos dizer que esta unidade profunda, substancial e inabalável, ao longo de nossa história, foi de impedir que o povo se eduque, se organize e construa uma democracia. Essa é a classe dominante brasileira.

A pergunta que temos que nos fazer, para renascer das cinzas, é: qual a nossa unidade profunda, substancial e inabalável? Certamente, dentro do campo de esquerda temos muitas divergências, mas elas não podem anular aquilo que é o interesse comum. O desafio do presente, sem anular as divergências, é de construir uma agenda comum para reverter, no mais breve prazo, o conjunto de contrarreformas que anula todos os direitos universais.

E isto é fundamental porque a estratégia dos governos de extrema direita é o de gerar medo. O medo é o maior antídoto à política. Como se perde o medo? No coletivo,

na discussão, na unidade. Vejam que atitude bonita de professores alemães: um partido neonazista começou a perseguir professores exigindo que proibissem determinados livros. Os professores fizeram um abaixo-assinado dizendo que eles todos adotariam aqueles livros e que, portanto, ninguém teria o trabalho de denunciá-los. Eles mesmos estavam se denunciando e se quisessem, que os prendessem a todos. O que está acontecendo hoje no Brasil é que os professores individualmente sentem medo.

Gostaria de deixar uma questão para a reflexão que se coloca para nós, professores que já atuamos, e para vocês que se preparam para atuarem na escola básica ou universidade. O processo de produção tem hoje na ciência e tecnologia sua força produtiva por excelência. Esta força produtiva está na mão privada e ela se volta contra os trabalhadores gerando o desemprego estrutural crescente em todo mundo e maior exploração dos poucos que conseguem emprego. Inclusive, o vocabulário pedagógico mudou: não se fala mais em qualificação e sim em competência; não é mais emprego, é empregabilidade; não mais direito ao trabalho, é empreendedorismo. Tudo isto está nos dizendo que o problema é de cada um e, se não se tem emprego, o culpado é o desempregado. A questão é: qual o sentido de continuarmos pensando que a escola básica e a universidade têm como função precípua de preparar para o mercado de trabalho? Nossa luta não deverá ser outra na formação das atuais gerações e as que virão para que tenham futuro? Luta pela ciência e tecnologia? Luta para que a terra, a água, o patrimônio mineral se tornem bem comum?

E, talvez, o melhor para concluir essa minha longa exposição como estímulo a não nos rendermos às contrarreformas e às políticas de extrema direita, seja o poder da arte e da poesia. Deixo-vos, ao agradecer a honra de vosso convite, parte de um poema de Mario Benedetti, poeta Uruguaio.

Não te rendas

Não te rendas, ainda estás a tempo  
de alcançar e começar de novo,  
aceitar as tuas sombras  
enterrar os teus medos,  
largar o lastro,

retomar o vôo.

Não te rendas que a vida é isso,  
continuar a viagem,  
perseguir os teus sonhos,  
destravar os tempos,  
arrumar os escombros,  
e destapar o céu.

Não te rendas, por favor, não cedas,  
ainda que o frio queime,  
ainda que o medo morda,  
ainda que o sol se esconda,  
e se cale o vento:  
ainda há fogo em tua alma  
ainda existe vida nos teus sonhos.

A arte, talvez seja o que nos de mais força frente à necessidade de não calar e de não ceder individual e, sobretudo, coletivamente. Tenham um excelente semestre. A ciência é fundamental para dar a direção do que é necessário fazer, mas só a ação política coletiva pode mudar o tempo regressivo que vivemos.

## Referências

- DA SILVA, Juremir Machado. **Raízes do conservadorismo brasileiro**: a abolição na imprensa e no imaginário social. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- FERNANDES, Florestan. Geração perdida. In: **A sociologia no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- HOBBSAWM, Eric. Renascendo das cinzas. In: BLACKBURN, Robert. **Depois da queda**: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 255-70.
- HOBBSAWM, Eric. **O novo século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas**. Das revoluções coloridas, aos golpes. São Paulo: Boitempo, 2018.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- MARX, Karl e ENGELS, Frederich. **A sagrada Família**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- OLIVEIRA, Francisco de. Em busca do consenso perdido: democratização e republicanização do Estado. In: AUED, Bernardete W. (Org) **Traços do trabalho**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2015.
- OLIVEIRA, Francisco de. Crítica à razão dualista; O ortinitorrinco. São Paulo: Boitempo, 2003. **Publicado originalmente em *Estudos Cebrap* (2), 1972.**